



Memórias do Museu: registrando com mídias locativas o Museu Emílio Goeldi¹

Luena Mitié Takada BARROS²
Jéssica de Almeida Francês VASCONCELOS³
Paola Maira Gomes CARACCILO⁴
Tomaz Affonso PENNER⁵
Vanja Joice Bispo SANTOS⁶
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar possibilidades de usos de mídias locativas no registro e valorização de memórias sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi. A investigação teve como base os vídeos “Ambientes Aquáticos do MPEG” e “Onde está a memória do Museu?”, elaborados pelo projeto Labcom Móvel, e “Visita ao Emílio Goeldi 1 e 2”, gravado espontaneamente por um visitante paraense. Os vídeos selecionados resultam de videotrilhas, isto é, são experiências de visitantes que, com câmeras em mãos, filmam em seu trajeto pelo Museu o que lhes chamam atenção. O uso de mídias locativas estimula a aproximação com o lugar e aciona percepções e memórias diversas que são, posteriormente, compartilhadas no ciberespaço.

Palavras-chave: Memória; mídia locativa; videotrilha; Museu Paraense Emílio Goeldi; Labcom Móvel.

A cibercultura engendra novas práticas sociais, formas de ver e estar no mundo. A portabilidade das ferramentas de produção e transmissão de conteúdo simplificaram processos antes caros e estão hoje nos bolsos e mãos das pessoas, possibilitando que parcelas do mundo sejam vistas e acessadas rapidamente pelos dispositivos de comunicação virtual. Nesse processo, as mídias locativas não são apenas ferramentas de interação, mas elementos fundamentais de novas formas de conhecer, perceber e lembrar.

É considerando este contexto que a memória será pensada neste trabalho. É certo que a memória está associada a diferentes formações culturais, da cultura oral à midiática, e isso

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado entre 17 e 19 de maio de 2012. Artigo baseado em pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Recém-graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Pará, bolsista do projeto Labcom Móvel – Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (MPEG/UFPA), e-mail: luenamitie@yahoo.com.br.

³ Bacharel de Comunicação Social – Multimídia pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia e bolsista do projeto Labcom Móvel - Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (MPEG/UFPA), email: jessicabsi@yahoo.com.br.

⁴ Recém-graduada do curso Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará e bolsista do projeto Labcom Móvel - Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (MPEG/UFPA), email: paola.caracciolo@gmail.com.

⁵ Recém-graduado do curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará e bolsista do projeto Labcom Móvel - Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (MPEG/UFPA), email: tomazpenner@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho. Assessora de comunicação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), coordenadora do projeto Labcom Móvel – Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (MPEG/UFPA), e-mail: joicesantos@museu-goeldi.br.



tem a ver com diferentes suportes desta memória. Mas se o digital é tão revolucionário na contemporaneidade, se transforma e permeia várias instâncias da vida social, é importante investigar como a memória pode estar representada no ciberespaço.

Nas redes sociais, o usuário pode mostrar o seu entendimento, conhecimento, memória de alguma coisa que, não necessariamente, corresponde às versões oficiais difundidas pela mídia ou pelas instituições de memória. Estes vários registros pessoais aumentam diariamente, convivem no ciberespaço e reavivam a memória.

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), instituição tradicional situada na cidade de Belém-PA, é um lugar de memória da região amazônica. A sua face pública, o Parque Zoobotânico (PZB) faz parte da história da cidade e de gerações de visitantes. Recentemente, a instituição adotou as estratégias de comunicação para *web 2.0* através do projeto Labcom Móvel – Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia⁷, do Serviço de Comunicação Social. Com mídias compactas, móveis e acessíveis, produz conteúdo digital leve e dinâmico com o intuito de aproximar o Museu e a população, ciência e sociedade, estimulando o uso das tecnologias na produção de conteúdo. Essa aproximação incentiva o encontro das memórias individuais, de pessoas com múltiplos entendimentos, lembranças e percepções.

Este trabalho busca investigar possibilidades de usos das mídias locativas para o registro e a valorização de memórias no ciberespaço do que as pessoas conhecem do Museu Goeldi, com base em duas experiências distintas: uma proposta pelo próprio Museu e a outra feita espontaneamente por um visitante. Os vídeos “Ambientes aquáticos do Parque Zoobotânico”, “Onde está a memória do Museu?”, são produtos feitos a partir da proposta institucional, e “Visita ao Emílio Goeldi” – partes 1 e 2, de um visitante. O que ambas têm em comum é que são frutos de videotrilhas, isto é, envolvem o uso de mídias locativas para o registro dos caminhos do Museu percorridos pelos visitantes que, com câmeras em mãos, filmam em seu trajeto o que lhes chamam atenção. A intenção aqui não é apontar o uso “correto”, mas verificar maneiras possíveis de usos e representações da memória no ciberespaço por meio das mídias locativas.

Sobre o conceito de memória

O conceito de memória é complexo e está em permanente processo de construção. Segundo Gondar e Dodebei (2005), este conceito atravessa a Filosofia, Psicologia, Ciências

⁷ Disponível em: <http://labcomovel.blogspot.com.br/>.



da Informação, História, entre outros campos, e deve ser pensado a partir do cruzamento de várias disciplinas. A memória é entendida como um processo individual e coletivo, aberto e inventivo. Ela é bem mais que a representação do passado; traz consigo modos de sentir, práticas de si, olhares diversos, ações políticas inovadoras. Tendo isso em vista, serão apresentadas algumas abordagens acerca da memória.

A memória é espontânea. Ela surge a partir da relação do indivíduo com o mundo, da maneira como cada um percebe o que está a sua volta. Antes de tudo, remete às funções psíquicas do indivíduo por meio das quais é possível atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990). Para delinear a noção de memória, Henri Bergson (2006a) propõe a reflexão fenomenológica sobre a percepção e a lembrança das imagens do mundo exterior, considerando-as potencialidades múltiplas, atuais e virtuais do sujeito.

Bergson fala sobre o corpo como um objeto movente, que transmite os estímulos exteriores ao sistema nervoso e age conforme o que percebe do mundo material. Ele faz parte da matéria, mas media as imagens que recebe para o espírito. É, portanto, matéria e imagem, exterior e interior. A percepção nasce desta mediação. O autor chega a defini-la como o conjunto de imagens relacionadas a uma ação possível. Em outras palavras, em meio à totalidade das ações possíveis, o corpo realiza apenas algumas. Quando não há o desencadeamento da ação, ocorre a percepção. São estímulos não devolvidos, percebidos no momento, na atualidade. Porém, este conjunto de imagens refere-se também ao que já passou. Por isso, a percepção nunca é apenas presente, nunca é somente percepção: é também memória.

(...) toda percepção prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir. Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis (BERGSON, 2006a, p. 88-89).

Por sua vez, a lembrança seria a evocação do passado a partir da atualidade. Ela está atada ao passado e é, por conta disso, essencialmente virtual. Apesar de surgir com a percepção, a lembrança se desenvolve e remete a fragmentos do passado conservados na subjetividade. Para explicar esse conceito, Bergson (2006b) diferencia a lembrança da sensação, distinguindo-as como recordação e ação, passado e presente: “A sensação, com efeito, é essencialmente atual e presente; mas a lembrança que a sugere do fundo do inconsciente



de onde ela mal emerge, apresenta-se com esse poder *sui generis* de sugestão que é a marca do que não existe mais, do que ainda queria ser” (p. 51)

A memória é esquecimento. Sem esquecer não é possível lembrar. Se todos os acontecimentos da vida fossem guardados na memória, o que é a recordação seria um eterno passado. E, como o passado, antigo e costumeiro, sem lugar para a reflexão do novo. Logo, o esquecimento não é uma falha da memória, é uma característica que deve ser destacada.

A conexão entre passado, presente e futuro implica em escolha, do que é conservado na memória como uma “aposta” para o que está por vir. Nas palavras de Gondar (2005) a memória “desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar” (p. 15). O esquecimento valoriza o presente, o espontâneo, a afirmação do instante e da criação perante ele. Por isso, nunca é única e imutável; a memória varia, se atualiza e gera novidades.

A memória é dinâmica. Ela é a representação do passado, já acabado, mas que se move em direção ao futuro. O passado está para o virtual assim como a recordação para o atual: a memória é o passado que se atualiza. Não é, pura e simplesmente, o trazer à mente de algo que passou, mas o recordar em função do momento e das aspirações para o futuro. Trata-se de um movimento de retorno a uma lembrança que não é, ela mesma, fechada. Trazê-la à mente quer dizer também ressignificá-la. O novo sentido que ela adquire move o corpo para outras reflexões e para a ação.

A memória é plural. Por si só ela abriga uma diversidade, porque nunca é só lembrança, é também atualização do vivido. Esse movimento faz da memória constantemente mutável e diversa, ainda que seja uma memória. Mas não existe apenas uma, existem várias. A memória identifica um grupo social e há tantas memórias quanto os grupos a que elas se referem (HALBWACHS, 1990 apud GONDAR, 2005). Além disso, a memória resulta de um processo de construção através do tempo, não apenas de quem a produziu. Logo, é constituída de saberes adquiridos de diversas experiências.

A memória é fluida, se espalha em vários lugares. Ela sai da consciência individual e se espalha nos documentos, monumentos, discursos, num incontável número de signos a serem descobertos, interpretados ou revividos como expressão de uma tradição (DODEBEI, 2005). Surge nas relações sociais e se reproduz nas conversas, nos meios de comunicação, nos acervos pessoais, nos museus. A memória está nas pessoas, mas ela se materializa, se apóia em arquivos que, na contemporaneidade, crescem vertiginosamente.

O advento da imprensa revoluciona definitivamente a memória ocidental porque leva para as massas o vasto conteúdo da memória, fato que é potencializado com a memória eletrônica do computador. O desenvolvimento da memória eletrônica inaugura outro modo de se relacionar e representar a memória. Diferente da memória humana, que é instável e maleável, a memória do computador possui estabilidade e capacidade de armazenamento quase infinita. Segundo Le Goff



(1990), este verdadeiro banco de dados aumenta progressivamente, o que demonstra a necessidade de exteriorizar e conservar cada vez mais a memória humana.

Na atualidade é possível observar que, pelo computador, as memórias entram nos grandes fluxos globais de informação. Mais acessíveis, as novas ferramentas computacionais permitem o surgimento de outras formas de registro e de suportes de memória. E, assim como as fotografias analógicas eram antigamente, nos séculos XIX e XX, o principal acervo da vida privada da sociedade, atualmente o conteúdo digital expande tanto a produção deste acervo quanto a sua visibilidade.

O digital possibilita a produção e o compartilhamento de conteúdos que possam vir a representar a memória e põe o que é individual em contato com o coletivo. Pierre Lévy (2008) afirma que o ciberespaço, onde o digital é celebrado, é uma “tecnologia da memória”. Há nele um quase infinito banco de memórias, que estavam fragmentadas na sociedade. E é nele que o vivido pode ser celebrado, levado aos usuários e reapropriado por eles.

Mídias locativas e as relações com o lugar

A comunicação contemporânea vive a era da ubiquidade, das sensações e do pervasivo (LEMOS, 2007a) com as mídias locativas. Um conjunto de tecnologias e serviços baseados na localização, isto é, de artefatos móveis que possibilitam processos de emissão e recepção de informações, necessariamente, associados a uma localidade, o que implica em outras relações com o lugar – socioculturais, imaginárias, simbólicas – marcadas pelo fluxo invisível de informações.

São mídias de função pós-massiva, de “controle individual e partilha coletiva da informação em mobilidade com alcance planetário e difusão imediata”. Elas permitem a produção individual e seu o espraiamento no ciberespaço (LEVY, 1999) sem que esteja, necessariamente, ligado a interesses econômicos. Diferente das mídias massivas, o produto é personalizável e, geralmente, sujeito a fluxos comunicacionais bi-direcionais (todos-todos). Por isso, mais que informação, as mídias pós-massivas estabelecem processos mais comunicativos, de troca e diálogo.

Segundo Lemos (2007b), as mídias locativas fomentam a criação de territórios informacionais, “espaços híbridos de controle eletrônico-informacional e físico em mobilidade no espaço urbano” (p. 10). Estes são zonas de intersecção entre o espaço urbano e o ciberespaço; pontos na cidade onde há o acesso por dispositivos móveis à rede sem fio que liga ao ciberespaço. A partir daí, estabelecem-se relações com esse novo “lugar” movente, que existe entre o físico e o virtual, que reconfigura as cidades.



Lemos (2007b) associa as descobertas do que chama de “ciberurbe” ao nomadismo dos aborígenes australianos. Para eles, as andanças eram uma forma de mapear o território e dar sentidos ao lugar. Para os ocidentais contemporâneos, o andar é um processo de apropriação pelo pedestre. A partir das funções de monitoramento, vigilância, mapeamento, geoprocessamento, localização, anotação ou jogos, as mídias locativas favorecem novas apropriações do espaço urbano.

O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico, nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade. Não os organogramas do poder, nem as fronteiras das disciplinas, tampouco as estatísticas dos comerciantes, mas o espaço qualitativo, dinâmico, vivo da humanidade em vias de se auto-inventar, produzindo o seu mundo (LÉVY, 1998, p. 15).

As recentes formas de “escrever e ler o espaço” pelas mídias locativas (LEMOS, 2007a) dão poder, a qualquer pessoa, de produzir sentidos do lugar social, cultural e político. Em seu “Manifesto das mídias locativas”, André Lemos sugere o uso criativo, reflexivo e pertinente destas tecnologias na busca da construção e descoberta de lugares, criando e reforçando significações, memórias e vínculos sociais.

Pense em como as mídias locativas podem te ajudar a criar e destruir seus territórios. Quais os limites dos seus territórios? Pense em maneiras criativas de contar histórias, de fazer política, de jogar e de se divertir. Essas tecnologias podem te ajudar a escrever e demarcar eletronicamente o seu espaço circundante, mas busque novas significações, novas memórias dos lugares, reforçar os vínculos sociais e o imaginário coletivo (LEMOS, 2009, p. 3)

As videotrilhas pelo Museu

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é a instituição científica mais antiga da Amazônia, surgida em 1866. É o segundo maior museu de história natural do Brasil, localizado na cidade de Belém-PA e vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Realiza pesquisas em Ciências Humanas, Biológicas e da Terra e Ecologia, forma pesquisadores nos cursos de Pós-Graduação, abriga 17 coleções científicas e promove atividades de educação científica, eventos e concursos. Porém, o que a maioria da população paraense conhece como Museu Goeldi é o Parque Zoológico (PZB), a mais antiga das três bases físicas da instituição. As demais são o *campus* de pesquisa e a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn).



É no Parque Zoobotânico que a relação entre a história e a memória, o institucional e o social, o fixo e o movente, se evidencia. Por sempre ter sido um espaço aberto à visitação pública, o Parque conquistou a população e tornou-se um destino tradicional dos fins de semana para as famílias de Belém. Nesse local multifacetado, a memória museológica se mescla com a memória das pessoas. O Museu se apresenta e é percebido, vivido, apropriado de formas diferentes.

Hoje em dia, cerca de 200 mil visitantes por ano entram em contato com mais de 500 espécies da flora (totalizando mais de 2000 exemplares) e 70 da fauna (com mais de 1000 animais), que mostram um pouco da mega diversidade biológica encontrada na mais extensa floresta tropical do planeta. Em um dia comum no Museu Goeldi, famílias, grupos de amigos e turistas podem se divertir, conhecendo mais sobre a natureza e a cultura amazônica. Entram em contato com uma exposição viva, que busca traduzir para a população a complexidade de ecossistemas florestais amazônicos. No decorrer do trajeto, também podem visitar exposições de artefatos culturais, ver peças de coleções científicas da fauna e flora atual e antiga, além de prédios históricos e monumentos que contam a história da instituição e da ciência na região.

Muitos visitantes filmam ou fotografam as coisas curiosas que encontram ou simplesmente a “prova” de ter estado neste lugar. Os pais tiram a tradicional foto dos seus filhos sentados no “cavalinho”. Outros além de fazerem o registro do seu passeio, compartilham-no na web.

Em um levantamento feito na rede social *Youtube*, entre os dias 25 e 29 de julho de 2011, com as tags: *Museu Goeldi*, *Parque Zoobotânico Belém*, *Museu Belém* e *Goeldi*, foram encontrados 100 vídeos feitos espontaneamente por pessoas que visitaram o Parque Zoobotânico com *uploads* datados de 2006 a junho de 2011. Todos são vídeos de baixa qualidade, feitos, possivelmente, com câmeras compactas ou acopladas a algum equipamento, como o celular.

Para este trabalho, interessa destacar os vídeos que se convencionaram chamar de videotrilhas. São “pedaços” de trajetos efetuados pelos visitantes, que os gravaram com a câmera que tinham em mãos, retratando parte do passeio e o exercício da percepção pelos caminhos do Museu. As videotrilhas retratam o percorrer dos caminhos do Museu com uma câmera na mão; é o olhar do indivíduo da e na paisagem, fazendo um registro mental e documental para partilhar na rede. Por isso, abordam vários aspectos do Museu, inclusive, a interação do visitante neste espaço.

Realizar esta experiência no Museu Emílio Goeldi é uma forma de estimular o olhar para os detalhes, que podem passar despercebidos para os visitantes interessados apenas em



certos animais ou plantas. Os fragmentos das diferentes percepções através das câmeras compõem os vídeos, que apresentam o Museu por quem o vê. Assim, o conceito de videotrilha está relacionado com o exercício autônomo de percepção visual através do uso de mídias locativas.

O projeto Labcom Móvel apropriou-se desta prática dos visitantes e os convidou a participar de produções colaborativas. As videotrilhas realizadas pelo Labcom Móvel procuram instigar os visitantes, alimentar sua curiosidade, perceber o ambiente que os cerca e incentivá-los a produzir conteúdo com o que têm em mãos. Mais que isso, é uma proposta institucional de comunicação participativa, que considera os saberes daquele que não é especialista, mas que é igualmente importante.

A ideia de um visitante

Nos vídeos intitulados “Visita ao Museu Goeldi⁸”, parte 1 e 2, postados no dia 1 de março de 2010, Rodolfo Magalhães aparece caminhando no Museu e “conversando” com a câmera, contando para outros usuários o que percebe à sua volta. A filmagem não é contínua, há uma edição rudimentar feita no ato de pausar e prosseguir, manualmente, a gravação. Ainda assim, é possível perceber a continuidade entre as cenas não programadas, que reconstituem, de certa forma, o seu passeio.

No primeiro vídeo de 10min16, Rodolfo começa dizendo que está no Emílio Goeldi, meio perdido no bosque de árvores que ocupam os quadrantes próximos à entrada principal. Ele faz tomadas dos animais nos viveiros – as garças, o tambaqui, a marreca-cabocla tomando banho, o jacaretinga pegando sol, a ariranha (que confunde com uma lontra), as tartarugas e os jabutis, da fauna livre e das árvores.

Uma cena muito curiosa deste vídeo é quando Rodolfo encontra uma cigarra. Ele estranha ouvir o canto das cigarras às onze da manhã e atribui este acontecimento ao equilíbrio da natureza do lugar: “O ambiente é tão cabal aqui que elas se sentem à vontade pra cantar”, diz. Encontra uma bem próxima e consegue captar o seu canto. Nas laterais do Museu, presta atenção nas árvores que “tombam” para o lado de fora, para a “cidade, o mundo

⁸ Disponíveis em: <http://www.youtube.com/watch?v=uGWxyVnFA7E> e <http://www.youtube.com/watch?v=9FV3Y03hhsI&feature=related>.



externo”. No fim deste primeiro vídeo, finaliza dizendo que se sente como no filme “A Vila”⁹, que pulando os muros do Museu o tempo é outro, o do século XXI.

Na segunda parte, de 5min18, Rodolfo encontra o mapa do Museu, “finalmente”. Em outra tomada, compara as alturas do paricá, árvore que pode chegar a até 40m, e de um prédio residencial de 34 andares avistado de dentro do Museu. Filma as árvores, araras, urubus-rei, tucanos. Alguém grita “ulha!” e Rodolfo explica que esta é uma expressão paraense equivalente à baiana “ó-pai-ó”. Comenta a naturalidade dos animais, já acostumados com a presença do público.

A gravação não foi feita com muita atenção à qualidade, em alguns trechos há movimentos muito rápidos da câmera e, sem apoio, a imagem fica prejudicada. Ainda assim, é uma clara tentativa de apresentar o Museu e sua diversidade. O jovem que o faz fala, a partir do que entende ou sabe sobre este espaço e o que ele traz. Percebe-se que o vídeo foi feito a intenção de ser compartilhado para quem é de fora, que não sabe o que é o “ulha” ou não está acostumado a ver árvores de grande porte. Na descrição, o autor coloca em inglês “ride at Emílio Goeldi” para situar até aqueles que não entendem o português, mas que podem conferir as imagens que dispensam palavras. Ele compartilha o que vê e o que sabe, suas impressões do Museu para quem nunca o visitou.

A proposta institucional

Durante a ação “Museu: caminhos afetivos da memória na *web* e no Parque”¹⁰, nos dias 19 e 20 de maio, a equipe do Labcom Móvel fez um convite aos visitantes: percorrer trilhas temáticas escutando as explicações de instrutores sobre a fauna, a flora e a história do Museu. A novidade é que os participantes poderiam registrar o trajeto, como quisessem, nos celulares e câmeras digitais emprestados pelo projeto. Essas imagens comporiam, mais tarde, produtos de comunicação sobre o MPEG. Foram duas videotrilhas temáticas feitas pelo Labcom, “Ambientes Aquáticos do MPEG”¹¹ e “Onde está a memória do Museu?”¹², com a participação de públicos diferentes. Os resultados foram vídeos que trabalham estilos, linguagens, olhares e memórias diversos.

⁹ “A Vila” (The Village, 2004), do diretor M. Night Shyamalan, conta a história de um pequeno vilarejo da Pensilvânia no ano de 1987, onde os moradores vivem isolados do resto do mundo, cercados por uma floresta que são proibidos de atravessar.

¹⁰ A ação fez parte da programação da 9ª Semana Nacional de Museus no Museu Paraense Emílio Goeldi, que aconteceu entre os dias 16 e 22 de maio de 2011, cujo tema foi “Museu e Memória”.

¹¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/museugoeldi#p/u/10/shrYSx304po>.

¹² Disponível em: <http://www.youtube.com/museugoeldi#p/u/5/7X-3-HveFYU>.



Para mostrar a importância da água para a manutenção da vida, a primeira videotrilha chamou os visitantes para conhecer os ambientes aquáticos do Museu. Três participantes ouviram as explicações sobre a integração da fauna e da flora com a água e a riqueza da biodiversidade amazônica. O ponto inicial foi o tanque das aves aquáticas, passando pelo tanque do tambaqui, o antigo tanque do peixe-boi, viveiro central de aves aquáticas, tanques dos jacarés, tartarugas, ariranhas e, por fim, lago da vitória-régia. Os trilheiros fizeram imagens de detalhes, plantas e animais que lhes chamaram atenção durante o passeio e, ao final, relataram o que aprenderam com essa experiência.

O vídeo elaborado a partir dessa videotrilha possui 2min35 de duração e traz não os pontos visitados durante a trilha, mas as imagens capturadas pelos participantes no passeio. Quem narra a experiência são os próprios participantes contando as suas impressões pelos depoimentos e por suas filmagens, que cobrem todo o vídeo. O primeiro é Luís Sérgio. Ele diz que não está habituado a usar câmeras para registrar, apesar de ter conhecimentos de fotografia. Suas imagens são da fonte da Praça Isolda, tanque do peixe-boi, marrecas-cabocla, placa do jacaré-açu, arara vermelha e tartaruga da Amazônia. Em seguida, vem o depoimento de Vinícius Cordeiro, que fala da surpresa em encontrar uma exposição viva, diferente da ideia que se tem de Museu como espaço fechado. Ele filmou a copa da samaumeira, peixes, jacaré-açu, jabutis e as vitórias-régias. Maira Reis conta que gostaria de conhecer mais o seu novo local de trabalho. Em suas imagens, há os tanques das aves aquáticas e do peixe-boi, caiaué (a “árvore que anda”), peixes, tartarugas da Amazônia e a flor da vitória régia.

Ao final, os três falam o que acharam da videotrilha, que gostaram e conheceram mais sobre o Museu. Luís Sérgio chega a dizer que o exercício de filmagem enriquece a experiência sensorial do visitante, o que é o objetivo da videotrilha: instigar o espectador a ver diferente, procurar no comum o singular, aumentando os estímulos de percepção, enriquecendo e registrando as suas experiências.

A segunda videotrilha combina registros, memórias e turmas distintas. Um grupo de alunos do Ensino Fundamental descobriu nos monumentos, fotografias e construções a memória museológica. Eles passaram pelos monumentos de Ferreira Penna, Carlos Estevão, Nimuendaju e Spix e Martius, pelas construções históricas Rocinha, Ernst Lohse e Castelinho, e por parte das fotografias da exposição “Patrimônio e Memória”, destacando as figuras de Jacques Huber, Paulo Cavalcante, Emilia Snethlage e Emílio Goeldi, também registrando, em vídeo, a sua própria memória daquela experiência.

Enquanto isso, do outro lado do Museu, outra turma, bem mais velha, se reuniu para falar sobre as memórias acerca deste lugar na oficina “Museu Goeldi: histórias e memórias¹³”, coordenada pela educadora Hilma Guedes, do Serviço de Educação (SEC). Eram vizinhos e ex-funcionários que relataram para as câmeras as vivências, de décadas, neste espaço, as lembranças que mantêm dos momentos de lazer e de trabalho: Terezinha de Oliveira, Wandemir Santos, Antônio Firmino (Seu Tota) e Elias Melo.

No vídeo de 3min09 utilizou-se como mote a pergunta “onde está a memória do Museu?”. E a memória, fluida e dinâmica, está espalhada em todo o lugar e, inclusive, fora dele. A partir dos pares visível x invisível, passado x presente, material x imaterial, procura-se responder a pergunta inicial, ou melhor, ampliar a visão sobre a memória e a sua importância.

O vídeo inicia com uma criança fazendo a pergunta, que é respondida pela educadora Ana Cláudia Silva: “A memória do Museu está em todos os espaços do Museu”. A partir daí, surgem os quadros “a memória está no visível”, nos monumentos e fotografias mostrados nas cenas, “e no invisível”, na lembrança de Dona Terezinha e Seu Wandemir. Seguem outros quadros “está no atual”, no registro audiovisual feito na videotrilha, “e no que passou”, na fotografia antiga de Paulo Cavalcante. Os últimos quadros são “está nos documentos históricos”, nos documentos institucionais que explicam a história do Museu, “e na cabeça das pessoas”, de Seu Tota e Seu Elias que trabalharam por muito tempo nele e têm, por isso, um vínculo afetivo com o local. Ana Cláudia finaliza o vídeo destacando esta relação afetiva que se tem com o Museu, das crianças e dos mais velhos. Esta é uma videotrilha pela memória, que escapa às explicações institucionais e muros do Museu.

Algumas considerações

Os vídeos analisados têm objetivos, personagens e formatos diferentes. O primeiro é mais simples, produzido num passeio pela vontade de um visitante. O segundo é produto de uma atividade proposta pela instituição a três visitantes. O terceiro mistura experiências, recursos e públicos distintos. Porém, todos são registros do Museu Goeldi e evidenciam aspectos da memória.

Representadas através das câmeras, as percepções podem gerar ou evocar memórias. Dispostos em uma rede social, ordenados no tempo, os vídeos são tal como o velho álbum de

¹³ Jovens e idosos participaram da oficina, que tinha como objetivo estimular a contação de histórias para a construção de uma memória sobre o Museu Goeldi. No segundo dia, 20 de maio, esses quatro convidados falaram da sua infância e trabalho no Parque para o grupo de jovens.

fotografias, que transmitem a recordação de acontecimentos com ainda mais precisão. Pela videotrilha os visitantes vivem experiências diferentes do comum, adquirem novas percepções. E o exercício de perceber já é em si um processo de memória. Isso porque a percepção envolve, por mais rápida que seja, uma quantidade incalculável de rememorações (BERGSON, 2006b). O que foi produzido então pelos visitantes traz as suas memórias, seus olhares diante do mundo.

Contudo, os vídeos não constituem a percepção da situação exposta. Para Bergson (2006b), a percepção, assim como a lembrança, está no terreno do espírito, desalojada do corpo. Por isso, elas não são materiais nem reconstituídas pelo material. Mas os vídeos, ao serem assistidos, podem acionar as lembranças, que são muito mais complexas do que é retratado na filmagem.

O uso de mídias locativas é um exercício de percepção, de descoberta da relação com o lugar em que se está. A memória instituída, “formada por representações que alcançaram consenso ou reconhecimento oficial” (GONDAR, 2005, p. 20), é apresentada na figura do Museu, dos elementos naturais e artificiais que o compõe. Porém, são evidenciados o que não está amparado pelos arquivos do Museu, mas o que constrói a memória: a relação entre o humano e o mundo, a ação e a percepção de cada um, que, ainda assim, faz parte do Museu.

O uso de mídias locativas para o registro do que foi visto em determinado tempo e lugar pode atualizar as memórias das pessoas. Tanto o olhar atento do que se passa através da câmera, na relação mais intensa com o lugar, como o olhar para a câmera, no registro pessoal, pode evocar lembranças, que são ressignificadas no presente. O contato com essas tecnologias facilita o registro, outras formas de perceber e, portanto, estimula a memória, o retorno às lembranças e a reflexão para o futuro.

Ver o Museu Goeldi a partir da percepção e da memória de outros, de uma proposta que não se encerra em sentidos, de um vídeo que possui vários recursos para apresentar a diversidade, torna o vídeo uma obra aberta. O que se apresenta é o resultado de “investigações” em cada pedaço do Museu do que ele tem a oferecer, feitas por pessoas de gostos, saberes, experiências diferentes, que não estão preocupadas em seguir a linha institucional. Facilmente gravados e disponibilizados na *web*, estes registros pessoais ficam à vista de todos. E, no fim das contas, as ricas referências de memórias, possam talvez inspirar outras pessoas, que se identifiquem ou que queiram dividir suas próprias memórias. Não se trata de informar, de transmitir, mas de instigar, fazer o espectador procurar no vídeo e na própria memória sentidos para o que assiste.

O Labcom Móvel ao provocar o visitante para perceber a instituição sob a ótica de alguns temas, registrar o que se está vendo e compartilhar nas redes sociais o que o olhar individual capturou, estimula a apropriação coletiva do espaço do Museu e o seu uso como espaço de fruição e aprendizado. É uma estratégia de comunicação interativa e colaborativa da instituição com seu público visitante, calcada nas facilidades de produção de conteúdo dos aparelhos multimídias. Ao induzir o visitante para o uso das mídias locativas, o Museu Goeldi, através do Labcom Móvel, convida para a escrita da memória institucional entendendo que esta é uma obra aberta.

É importante salientar que, sozinhos ou em conjunto, os vídeos não trazem à tona a memória em sua totalidade, mas a representam: “(...) a memória humana conserva um grande setor não-‘informatizável’ e (...) como todas as outras formas de memória automáticas aparecidas na história, a memória eletrônica não é senão um auxiliar, servidor da memória e do espírito humano” (LE GOFF, 1990, 469-470). Ainda assim, esta diversidade movimenta e renova a memória. “Longe de fundir as inteligências individuais em uma espécie de magma indistinto, a inteligência coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca de singularidades” (LÉVY, 1998, p. 32). Espalhadas pelo ciberespaço, elas formam um mosaico de memórias em rede, que, na diferença, contribuem para construir um entendimento social do que é o Museu Goeldi.

Conclusão

A comunicação no ciberespaço é flexível, podendo ser montada, remontada e difundida em inúmeros dispositivos. Pensar em memória neste contexto remete à sua essência móvel, cuja representação parece potencializada no digital. Ao contrário da mídia fixa, o conteúdo digital valoriza a informação movente, recriada por qualquer pessoa que entre em contato com ela. O usuário é capaz de produzir e disponibilizar seu próprio conteúdo, sua memória, e entrar em contato com outras infinitas.

Com um celular ou uma câmera digital, qualquer pessoa pode registrar a sua memória e partilhá-la na *web*. Vários usos das mídias locativas podem ser feitos para a valorização de memórias e abrangem tanto modos de fazer como memórias distintas. O que se mostrou aqui foram alguns deles, iniciados no exercício de videotrilhas, que, por sua vez, geraram vídeos que trazem variados aspectos da memória.

Por estarem ao alcance de mãos e cabeças diferentes, as mídias locativas têm a possibilidade de representar a diversidade, a espontaneidade e a fluidez da memória. Quem



quiser escolhe como e o quê falar, deixa-se surpreender e começa a perceber o mundo que o cerca de uma forma mais rica, mais sensorial, explorando o não-convencional no virtual e fora dele. E trabalhar a percepção é também estimular a memória. Nesse sentido, se o que percebemos considera toda a carga de lembranças pessoais, o que representariam então novos modos de perceber? De se relacionar com as coisas que estão à nossa volta? De olhar para uma diversidade de registros, que representam memórias diversas, e acionar a nossa própria memória?

Na relação com a memória instituída dos lugares de memória, essas versões retratam vivências e apropriações do que é colocado diante das pessoas. São outras formas de ver e sentir que estão espalhadas num espaço público, visíveis e questionáveis por qualquer um. Essas representações de memórias se movimentam no ciberespaço, se criam e recriam nas relações sociais das redes. Por isso, o mosaico de memórias que se forma na rede é algo muito mais complexo do que o que é apresentado pela mídia ou pelos museus. Cada observador, leigo, mostra seus dados e enriquece essa memória em frações de segundos, diariamente.

Ainda assim, por ser representação e não a memória em si, estes vídeos constituem apenas um referente estático de algo que verdadeiramente se encontra em movimento. A memória é bem mais que este conjunto de representações, mas ela pode ser acionada neste contato, na percepção pelo registro audiovisual.

Se o tempo atual é o da aceleração do mundo, da história, o uso de mídias locativas pode ser criativo e dinâmico para acompanhar as vivências do homem (pós) moderno. O uso da tecnologia não basta para constituir uma memória, mas permite escolher o que se quer lembrar, o que, na atualidade, significa um repositório gigantesco. Mas se é gigantesco, o é também porque mais pessoas estão compartilhando, se vendo e vendo as outras. Essa flexibilidade da tecnologia estruturante parece se adequar às memórias da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BARROS, L. **A memória no ciberespaço: Usos de mídias locativas para a valorização de memórias sobre o Museu Paraense Emílio Goeldi**, em Belém-PA. 2011. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2011.
- BERGSON, H. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- _____. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J. DODEBEI, V. (Orgs.) **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.



- GONDAR, J. DODEBEI, V. (Orgs.) **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- LABCOM MÓVEL, Estudos e Práticas de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Contém notícias, vídeos, informações técnicas, sobre o projeto e projetos associados. Disponível em: <<http://www.labcomovel.blogspot.com>>. Acesso em: 18 set. 2011.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEMOS, A. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo, ano 1, n. 1, 2007a, p. 121-137. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info/artigos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em 18. Out. 2011.
- _____. Manifesto das mídias locativas. **Ciberpesquisa** - Centro Internacional de Estudos em Cibercultura. Ano 9, v. 1, n. 71, mai-jun, 2009. Disponível em: <http://andrelemos.info/404nOtF0und/404_71.htm>. Acesso em: 18, out. 2011.
- _____. Mídia locativa e território informacional In: ARANTES, P. SANTAELLA, L. **Estéticas tecnológicas**. São Paulo: PUC-SP, 2007b. Disponível em: <http://andrelemos.info/artigos/midia_locativa.pdf>. Acesso em: 18 out. 2011.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____. **As formas do saber**. Vídeo. [S. l., s/d.] Entrevista concedida a Florestan Fernandes Jr. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=i5Ko5gGPF4w>>. Acesso em: 21 nov, 2011.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. **Memória e cibercultura**. Texto *online*. Ottawa, jun, 2008. Entrevista concedida a Lynnda Proulx e Maria Antonieta Pereira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/atelaotexto/entrevista_levy.html>. Acesso em: 21 nov, 2011.
- _____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MPEG. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Contém informações institucionais, técnicas, notícias, de projetos e de serviço. Disponível em: <<http://www.museu-goeldi.br>>. Acesso em: 18 set. 2011.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, J. **Laboratório de Comunicação Pública da Ciência na Amazônia (Pará)**, Processo 551952/2008-3, Edital/Chamada: Edital MCT/CNPq nº 42/2007 – Difusão e Popularização da C&T.
- _____. Mobilidade e diálogo na comunicação pública da ciência. Belém, 2011. 13 slides.
- _____. Oficina Práticas de comunicação pública da ciência utilizando mídias móveis. Belém, 2011. 10 slides.
- YOUTUBE. Disponível em: <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 29 jul, 2011.